



As mudanças rítmicas e instrumentais do Boi Caprichoso (1913 a 2013) – Parintins/Amazonas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Neil Armstrong Natividade de Queiroz
Universidade Federal do Amazonas - neilarmstrong11@hotmail.com

Lucyanne de Melo Afonso
Universidade Federal do Amazonas – lucyanneafonso@hotmail.com

João Gustavo Kienen
Universidade Federal do Amazonas – Gustavo_gustavo1@hotmail.com

Resumo: O movimento cultural Boi Bumbá de Parintins/AM hoje polarizado entre duas associações tem na música um dos principais elementos constituintes da manifestação cultural. Este trabalho se detém a investigar as mudanças rítmicas e utilização de instrumental do Boi Bumbá Caprichoso, para cumprir esta meta foram realizadas entrevistas e análises que revelaram o processo gradual de inserções e mudanças na prática musical desta agremiação folclórica no período de 1913 a 2013.

Palavras-chave: Cultura; Toada; Amazonas; Boi Bumba Caprichoso.

The Rhythmic And Instrumental Changes Caprichoso Boi - Amazon (1913-2013)

Abstract: The cultural movement Boi Bumba Parintins/AM today polarized between two associations have a music in one of the main components of the cultural event. This work has to investigate the rhythmic changes and using instrumental of the Boi Bumba Caprichoso, to accomplish this goal interviews and analyzes were performed that revealed the gradual process of insertions and changes in musical practices this folk college in the period between 1913-2013.

Keywords: Culture; Toada; Amazon; Boi Bumba Caprichoso.

1.Introdução

Pode-se dizer que cultura é todo produto de atividade do homem, isso seria aceitar o próprio homem como cultura. Clifford Geertz (2012) defende a cultura como uma ciência que podemos interpretar onde o homem constrói sua própria teia interpretando-a de acordo com a sua vivência e suas experiências.

Em se tratando de Amazônia a percepção e significação do significado é percebido intensamente na historicidade das fases de convergência interpretativa próprias da Amazônia. Djalma Batista, (2006) nos traz uma concepção mais economicista, “a concepção da cultura na Amazônia tem estado profundamente ligada a colonização e a economia” (p.68). Esta percepção se insere nas três concepções de Amazônia, não se pensa Amazônia no singular, mas no plural.

Destas Amazônias destacamos os caminhos rumo a Amazônia Profunda passando pela Amazônia inventada pelos viajantes que difundiram essa concepção pela Europa e a vincularam a mitologias já conhecidas no Velho Continente. A dicotomia entre civilização e

barbárie na concepção dual apresentada por cânones do intelecto brasileiro com Euclides da Cunha em *À Margem da História* que tem sua episteme alterada apenas pelo contato impactante com o seringueiro relatado no sensível capítulo Judas Asvero. E a terceira Amazônia, a Amazonia Profunda vista na poesia moderna dos integrantes do Clube da Madrugada como Astrid Cabral, na prosa intensa de Milton Hatoum.

A produção cultural na Amazônia é emprenhada destas convergências interpretativas e mesclada numa cuia fervente da integração das muitas etnias que contribuem vetorialmente para a formação da cultura amazônica e assim construindo sua unicidade e sua cosmopolidade. Este trabalho revela o processo e as mudanças rítmicas e de instrumental do Boi Bumbá Caprichoso desde a sua criação no período de 1913 até 2013. A pesquisa se ampara em fontes orais sendo os informantes Raimundo Dutra (um dos pioneiros do Boi Caprichoso), José Carlos Portilho (compositor e por muito tempo organizador das toadas e das primeiras gravações das mesmas), Odinéa Andrade (historiadora e coordenadora do boi caprichoso nas décadas de 70 e 80), e a história vivenciada no interior do movimento Boi Bumbá Caprichoso.

2. As Raízes

Em Parintins o “folclore” segundo Raimundo Dutra¹ tem início em 1906 com o pássaro tucano criado por Marçal Mendes de Assunção. Em 1910 surge o primeiro Bumbá Meu Boi do Amazonas *Turuna* que tinha como brincantes crianças também criado por Marçal Mendes.

A palavra boi bumbá foi usada pela primeira vez no Amazonas em 1911 por Cipriano Sepitiba quando ele criou o Boi Mina de Ouro do Boulevard Amazonas em Manaus, que segundo ele na época terminava no Boulevard². Raimundo Dutra (2013) afirma que antes não havia quase nada de ritmo apenas palminhas e danças, pontua que um dos primeiros instrumentos de percussão foram as palminhas de madeira e logo, em seguida, o tamborinho.

O ritmo do boi é alvo de comparações com o boi do Maranhão, influências existem, por questões socioculturais e históricas, como as correntes migratórias de nordestinos³ (em especial maranhenses e cearenses) no período da borracha. Como na Cabanagem onde vários afrodescendentes foram reunidos para as batalhas e deixados na região de Parintins originando ao menos um Quilombo no médio Amazonas. Estes trânsitos demográficos acresceram e variaram as práticas culturais já exercidas aumentando a influencia das práticas culturais oriundas do nordeste nas Amazonenses e Paraenses na região de Santarém.

De acordo com Raimundo Dutra (2013) a batida rítmica foi propagada por anônimos e a raiz musical criada para a batida do boi tem parentesco com as raízes africanas. O Boi Bumbá de Parintins sofreu influências do Bumba meu Boi do Maranhão, trazidas pelos negros, brancos, nordestinos que adentraram a Amazônia e aqui foram deixando suas raízes musicais que se misturam e foram formando outras raízes musicais.

Marinheiros também, por sua constante movimentação singrando as águas amazônicas, também geraram contribuições. Se observa em canções e brincadeiras de roda antigas na Região do “Baixo Amazonas” canções com temáticas de marinharia, como a apresentada a seguir, recolhida na Freguesia do Andirá (calha do Rio Andirá onde reside o famoso poeta Thiago de Mello) no município de Barreirinha vizinho a Parintins. *Embarca, embarca, embarca, embarca marinheiro, embarca lá pra bordo pra receber o teu dinheiro.* O trânsito de embarcações é o principal elemento que rompe permanentemente com a ideia obsoleta da Amazônia como isolada, o tráfico de fitas K7, a venda de instrumentos musicais, o uso de saxofone a mais de três gerações nas festas populares de beiradão são exemplos destes trânsitos e da complexa trama cultural que constroem a música do interior do Amazonas.

Outra permanência é a prática de um Lundú como festa com dança, música, comida, religiosidade que os comunitários chamam de *Londom* que é praticado na Comunidade de Pedras também em Barreirinha/AM. Estes são apenas alguns exemplos da intrincada malha de constituintes e influentes que se integram na prática do Boi Bumbá de Parintins. Pela facilidade logística fluvial estas práticas são levadas a outras localidades e interinfluenciadas realizando muito da cultura amazônica.

2.1 Vamos brincar de Boi

Vamos relatar como surgiu o Boi Caprichoso a partir de relatos do sr. Raimundo Dutra, um dos pioneiros do Boi Caprichoso, José Carlos Portilho compositor e por muito tempo organizador das toadas e das gravações das mesmas, e Odinéa Andrade historiadora e coordenadora do boi caprichoso nas décadas de 70 e 80.

Quanto ao surgimento do Caprichoso existem várias histórias, mas conforme relato do sr. Raimundo Dutra, o Caprichoso que tem 100 anos é o da praça 14 de Manaus, o de Parintins surgiu em 1925 e foi denominado Caprichoso numa reunião entre uns amigos de Parintins. A brincadeira era simples e primária, todos os bois tiravam a língua com a mesma toada, provavelmente dos bois de Manaus, como mostra a toada a seguir: *Mestre Chico tira a língua que é da sua obrigação, leva o dono da casa e receba seu patacão.*

Mestre Chico

Toada para tirar a língua!

Transcrição: Neil Armstrong



Mes tre chi co ti ra/a lin gua que da sua o bri ga çao Le

Palminhas

5

va/o do no da ca sa/e re ce ba seu pa ta cao

Figura 01: Canção Mestre Chico, transcrição de Neil Armstrong

Raimundo Dutra (2013) em 1944 faz a primeira toada para tirar a língua do Boi Caprichoso; *Balanceou, balanceou, quero ver balancear, nego Chico tira a língua pra amanhã nós almoçar.*

Balanceou

Toada

Transcrição: Neil Armstrong



Ba lan ce ou ba lan ceu ou que ro ver ba lan ce ar

Palminhas

5

ne go chi co ti ra lin gua pra/a ma nha nos al mo car

Figura 02: Canção Balanceou, transcrição de Neil Armstrong

Para José Carlos Portilho, o Caprichoso foi fundado pelos irmãos Cid e Emídio Vieira em 1913 com o nome de Boi Galante, neste mesmo ano o criador do Garantido Lindolfo Monteverde tinha apenas 13 anos de idade. Em 1917, Lindolfo ao completar 17 anos foi chamado para servir à Pátria em Manaus e possivelmente convocado para lutar na 1ª guerra mundial o que não chegou a acontecer, ainda assim, fez uma promessa com São Joao Batista se caso não fosse convocado para a guerra ao chegar em Parintins fundaria um boi como promessa. Logo, em 1918, encerrada a guerra, também deu baixa no exército.

Em 1919, retornou a Parintins e logo fez cumprir sua promessa: fundou o Boi Garantido. A partir de então Parintins passou a ter dois bois O Galante, criado pelos irmãos Cid e Emídio em 1913, e o Garantido criado pelo Lindolfo Monteverde em 1919. Em 1921, por sugestão de Jose Furtado Belém⁴, sugeriu mudar o nome para Caprichoso - influência do Caprichoso da praça 14 de janeiro em Manaus, como comentou sr. Raimundo Dutra: “Boi preto de veludo com malhas esbranquiçadas, contornadas com pó brilhante na anca” (2013).

De acordo com o Carlos Portilho (2013), as famílias Cid e Emídio são os precursores do Boi Galante, o que originou o Boi Caprichoso.

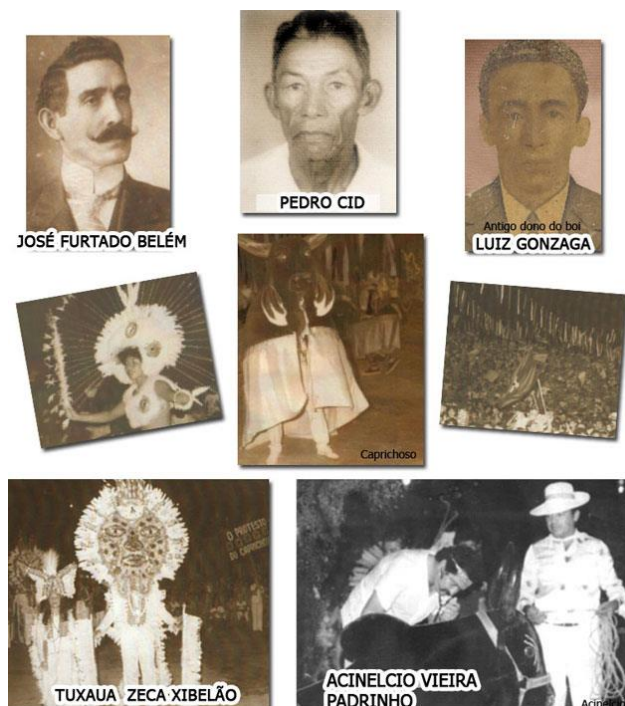


Figura 03: Fundadores e brincantes
 Fonte: site do Boi Caprichoso

A Sra. Odinéa Andrade (2013), destaca que a história oral é contada de uma forma deturpada. Cada história é outra adiante, acrescida de mais alguma coisa e vai sofrendo modificação ao longo do tempo, se referindo a origem do Boi Caprichoso. Este momento

chamou sua atenção para a história do Boi Caprichoso porque até então era só folclorizar. Muitos contribuíram, lembra-se de Raimunda Dionísia que já faleceu: chegou em Parintins com 8 anos de idade e lhe falou que Lindolfo Monte Verde fundador do Garantido brincava no boi de Roque Cid e isso foi ficando e foi anotando e nunca discutiu com ninguém, foi construindo a história a partir dos festivais e conversando com os mais idosos.

Segundo a história Roque Cid teve duas famílias: uma com dona Antônia e outra com dona Luiza, e o Caprichoso teve a herança dos Cid, teve pai do Thomas Pedro Cid, teve nascimento Cid, teve Boboí que é parente dos Cid, então é uma herança Cid.

Odinéia Andrade, Carlos Portilho e Raimundo Dutra são fontes vivas que contam a história do Boi Caprichoso, embora cada um tenha uma versão dos fatos, mas contribuem para a construção da história do Boi que não se sabe, ao certo, como foi o início da brincadeira, conhecemos através da memória e das lembranças dos dois.

3. O centenário musical do Boi Caprichoso – 1913 a 2013

3.1 Décadas de 30 e 40

Nos anos 30 quando tudo iniciou, o ritmo musical ainda era uma marcação mais simples com a marcação das palminhas. No Boi Bumbá as palminhas substituíram as matracas do Bumba meu Boi, mas com variação rítmica diferente. As células rítmicas das palminhas foi o primeiro instrumento e era o que se tinha de ritmo.

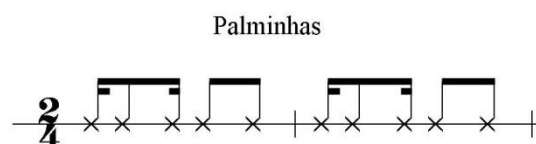


Figura 4: Células rítmicas – palminhas, transcrição de Neil Armstrong

Até o final dos anos 40 o ritmo das toadas mantinha-se, tradicionalmente, a percussão, acompanhadas com músicas de sopro muito semelhante às execuções originárias do Bumba-meu-Boi do Maranhão. Instrumentos foram introduzidos na percussão da Marujada de Guerra⁵, pelo fato de outros grupos se incluírem na Marujada, com isso trouxeram instrumentos como surdos, maracás, tamborinho, tambor de onça, entre outros.

3.2 Décadas de 50 e 60

Os efeitos rítmicos a partir da década de 1950, os bumbás de Parintins se depararam com um ritmo novo, utilizando-se apenas dos instrumentos de percussão um ritmo mais cadenciado, de fácil assimilação rítmica na dança – eis que surge o dois pra lá e dois pra cá, que é o ritmo das palminhas.

Os entendidos na época vibraram com o novo ritmo ‘genuinamente parintinense’. Na década de 60 surgem as caixinhas para incrementar mais o ritmo da Marujada de Guerra.

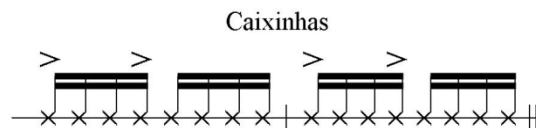


Figura 5: Células rítmicas – caixinhas. Transcrição de Neil Armstrong

As caixinhas entraram na Marujada de Guerra a partir do começo da disputa do festival folclórico em 1965, mas os bois já se encontravam para brincar desde 1950.

3.3 Década de 80

A década de 80 marcou uma nova forma de fazer o Boi, novos compositores surgiram, novos instrumentos foram inseridos como o violão e o charango e com isso trouxe novas cadências rítmicas. Em 1983 o compositor J. Carlos Portilho ao iniciar-se como compositor de toadas teve a ideia de colocar o violão e o cavaquinho nas primeiras 04 músicas. Muitos o criticavam como deturpador da raiz musical do boi. Em 1987, descobriu um instrumento chamado de charango, trazido por Fred Goes e tocado pelo Silvio Camaleão.

Grupo Sangue Azul marcou o início de uma nova estrutura rítmica do Boi Caprichoso: foi o primeiro grupo musical que acompanhava a Marujada e gravava a fita oficial com as toadas do Caprichoso anualmente.

O ritmo percussivo da toada era bem semelhante com a célula de samba. O ritmo das composições dos anos 80 era bem mais lento do que da década seguinte. Os instrumentos usados na Marujada de Guerra neste período eram: surdos de diversos tamanhos, para cortes os menores e mais agudos, para marcação os maiores: treme terras e maracaná, caixinhas com várias afinações, palminhas, repiques para um contraponto entre surdos, caixas e rocar.

O ritmo e o andamento eram bem cadenciados e sem variedade de convenções. Com relação aos surdos, a marcação significa segurar o ritmo, levar direto sem nenhuma modulação. Surdo de corte é o swing do ritmo, virada contratempo da marcação.



Figura 6: Células rítmicas: surdo 1 (marcação) e Surdo 2 (corte). Transcrição de Neil Armstrong

A década de 80 trouxe inovação rítmica e instrumental, tanto instrumentos percussivos quanto instrumentos harmônicos, algo bastante inovador para o período e para a organização rítmica da época na Marujada de Guerra.

3.4 Década de 90

Em 1990, o grupo Sangue Azul passou a ser chamado de Azul e Branco e a fita⁶ oficial contendo as toadas do Boi Caprichoso continuaram a ser gravada pelo grupo só que com um ritmo mais acelerado e com a presença de outro instrumento de harmonia: o violão que se juntou ao charango. O violão era tocado com dedilhado e valorizando os baixos, para dar uma intenção de contrabaixo ou até mesmo violão de sete cordas marcando bem as mudanças de acordes.

As toadas de Carlos Pato, Portilho, Raimundinho Dutra, Carlos Paulain e Chico da Silva, com temáticas bem folclóricas e tradicionais permitiram a um casamento quase que perfeito entre harmonia e percussão. A década de 90 apresentou um diferencial: a inclusão da temática indígena incluindo novo ritmo e a nova banda do Boi Caprichoso: o Canto da Mata acelerando o ritmo e a dança. De acordo com Odinea Andrade (2013) esta mudança rítmica não foi muito adequada, pois saiu de um ritmo tradicional a partir da toada *Ritmo Quente*.

3.4.1 Temática Indígena: Um Novo Ritmo

A temática “indígena” não era tão forte anteriormente nesta década. Em 1991, ganhou destaque pelo fato de inserir o Ritual, por Ronaldo Barbosa, compositor do Caprichoso, onde o personagem Pajé ganhou mais evidência dando ênfase à cultura indígena e pelo fato da lenda do pai Francisco e Catirina ter o personagem Pajé para ressuscitar o boi: “Índios rústicos enfeitados com folha de bananeira desfiada, brincavam apenas como figurinistas, naquela época, sem nenhuma importância para a brincadeira.” (Portilho, 2013)

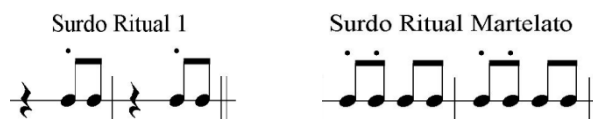


Figura 3: Células rítmicas – Surdo Ritual e Surdo Martelato. Transcrição de Neil Armstrong



Figura 7: Células rítmicas – Caixinhas ritual 1 e Caixinha Ritual Martelato. Transcrição de Neil Armstrong

Porém, tal mudança só foi concretizada com outro marco importante: a criação do grupo Canto da Mata que a partir de 1994 assumiu a gravação da fita oficial contendo as primeiras músicas de Ronaldo Barbosa com os primeiros toques de rituais nos surdos e nas caixas as toadas: Unankie⁷ e Herekei⁸. Mudança de ritmo tanto na gravação, como no coração do ritmo que é a Marujada de Guerra.

3.4.2 A Inclusão do Teclado: Grupo Canto da Mata

Enquanto o grupo Azul e Branco tinha formação com instrumentos tradicionais: surdos, caixinhas, xeque xeque, violão, charango um cantor e um couro uníssono, o grupo Canto da Mata surgiu com outra formação introduzindo o teclado para reproduzir as flautas andinas para arranjar as músicas de temáticas indígenas. Em consequência destas mudanças no instrumental, o ritmo ficou mais acelerado.

A partir de 1998, Arlindo Junior dita o ritmo das toadas e da Marujada de Guerra, agora bem mais acelerada. A produção musical de 1998 tem outras mudanças como a introdução da bateria e a saída do grupo Canto da Mata das gravações.

Com a saída do grupo Canto da Mata, possibilitou que Arlindo Junior comandasse as músicas do Boi Caprichoso com ritmo mais acelerado e comercial, como a música Ritmo Quente dos compositores Alex Pontes e Mailzon Mendes, em 1997.

3.5 A Partir do Século XXI

Com a saída de Arlindo Junior do musical do Boi, retornou a tradição do ritmo da Marujada de Guerra: mais cadenciado, voltando às tradições rítmicas com o levantador Davi Assayag. Os dois levantadores de toada do Boi Caprichoso divergem sobre o tema ritmo: o ritmo de acordo com suas tradições e o ritmo mais rápido. Arlindo Junior, levantador de toadas, defendia que sempre numa disputa tinha que ter algo novo no ritmo da Marujada de Guerra para poder conquistar os jurados e mostrar uma novidade.

Na década de 90 foi a década de transformações, com a criação do grupo Canto da Mata e as toadas de Ronaldo Barbosa através do ritmo da Marujada, com os sons do teclado, possibilitou uma interação entre eu, galera, Marujada de Guerra e banda, só o Caprichoso fazia isso. A marujada levantava os tambores, fazia as paradinhas, o contrário falava muito mal dizendo que isso não era boi, mas hoje é eles que fazem tudo isso. (Arlindo Jr 2013).

Entretanto David Assayag defendia e defende, até hoje, que se permaneça o mesmo andamento e ritmo, pois a tradição é importante e é isso que os jurados vêm julgar e conhecer.

Sempre fui um cara muito tradicionalista, mas nunca criticava as bandas que usavam em shows um ritmo mais acelerado e instrumentos como teclados, contrabaixo e bateria, eu próprio usava em meus shows, mas dentro do festival e ensaios, sempre fui muito tradicionalista. E criticava aquele ritmo trazido dos palcos para a arena pelo Caprichoso com muitas convenções e paradinhas, nunca fui muito adepto a esse tipo de ritmo. Na minha volta ao caprichoso tive até alguns embates com alguns mestres da marujada até discutimos, tive que mostrar o primeiro vinil, para demonstrar como era o ritmo e como devia ser na arena (David Assayag, 2013).

Para o sr. Raimundo Dutra (2013) o ritmo sofreu influências do ritmo baiano, onde muitas vezes não dá para entender e acompanhar a dança. Podemos elencar as mudanças que ocorreram entre 2001 e 2002: o retorno da bateria, os efeitos percussivos e algumas batidas aplicadas na Marujada de Guerra nos instrumentos caixinhas, surdos e repiques, representado pela música *O meu amor é Caprichoso*, de Chico da Silva, em 2002. Em 2003 e 2004 o ritmo continuou basicamente com a mesma ideia, podemos exemplificar com a música *Remos e Tauás*, de Ronaldo Barbosa, em 2004.

Em 2005 e 2006 voltou a ser gravada a ideia da Marujada de Guerra com um som bem mais forte de surdos e caixinhas, exemplificando com a música *Boi de Santo*, de Simon Assayag, em 2005.

Nas produções de 2007, 2008, e 2009 o ritmo vem com uma batida bem pop, a bateria mais explícita, muitos instrumentos de metal nas músicas como sax, trompete. Este período pode ser representado pela música *Cristal de Lua*, de Hugo Levy, Silvio camaleão, de 2007.

A partir de 2010, retornou as raízes do ritmo da Marujada, contudo apresentando mais metal nas músicas. Este período pode ser representado pela música *Eu te amo Caprichoso*, de Cesar Moraes, de 2010.

Em 2012 e 2013 sob o comando de David Assayag na voz e na produção, o ritmo parece ter reencontrado sua cadência, hoje bem mais definida através do estilo de cada composição, uma composição mais tradicional requer uma batida mais lenta, uma composição ritualística requer batidas mais fortes e com convenções, composição genérica ou para animar a galera, um ritmo mais acelerado. Essas diferenças hoje estão bem assimiladas pela Marujada de Guerra.

Conclusão

O andamento do Caprichoso é inconstante, ano mais rápido, ano mais lento, causado principalmente pelas mudanças de produtores musicais, levantadores de toadas e mestres de Marujadas. Com toadas essas experiências, vivemos um momento de análise e de



busca daquilo que já foi realizado e abandonado, a cultura é dinâmica. Alguns dos principais agentes sociais do movimento Boi Bumbá entendem que é preciso preservar as raízes. Entretanto, entendemos que essa preocupação faz parte do próprio processo social do Boi Bumbá e que retornar as raízes não significa retornar ao marco zero, mas a um momento validado no imaginário coletivo como o exemplar. Retornar a tradição na acepção mais pura do conceito seria voltar o Boi Bumba ao uso exclusivo de palminhas e sem nenhuma dança associada. Isto é claro que não é desejo de nenhum dos membros que apregoam a tradição, portanto, o desejo de retorno a tradição é fundamental para as transformações musicais pois alavancam as novas inserções e os abandonos e fazem assim a dinâmica da prática cultural estar em constante movimento e evita a folclorização congelante.

Enfatizamos que não está esgotado o grande leque de objetos relacionados a essa pesquisa, sugerimos assim, que hajam outros trabalhos voltados para o festival folclórico de Parintins, para que sejam aprofundadas outras áreas musicais dos bois de Parintins como: as toadas tradicionais e versos, toadas de rituais e lendas, os grupos musicais, as gravações desde as primeiras fitas cassetes até os DVDs, os levantadores de toadas, processos de composição entre outros.

Referências

- BATISTA, Djalma. *Amazônia: Cultura e Sociedade*. 3ª ed. Organização de Tenório Telles. Manaus: Editora Valer, 2006.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os Bois-Bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos)
- Tinhorão, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil- cantos, danças, folguedos:origens*. São Paulo: Art Editora, 1988.
- _____. *História Social da Música popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

ENTREVISTAS

- ANDRADE, Odinea. *História do Boi caprichoso*. Manaus, 09 mar. 2013. Registro sobre a história do boi: as origens e os ritmos. Entrevista concedida a
- ASSAYAG, Davi. *Ritmos e tradições*. Manaus, 17 ago. 2013. Registro sobre a história do boi: os ritmos, as tradições e a modernidade. Entrevista concedida a
- CARLOS, Portilho. *História do Boi caprichoso*. Manaus, 27 fev. 2013. Registro sobre a história do boi: as origens e os ritmos. Entrevista concedida a



DUTRA, Raimundo. *História do Boi caprichoso*. Manaus, 08 fev. 2013. Registro sobre a história do boi: as origens e os ritmos. Entrevista concedida a

JUNIOR, Arlindo. *Ritmos e tradições*. Manaus, 24 ago. 2013. Registro sobre a história do boi: os ritmos, as tradições e a modernidade. Entrevista concedida a

MATOS, Flavio Lima. *Marujada de Guerra*. Manaus, 10 mar. 2013. Registro sobre a Marujada de Guerra: naipes e instrumentos. Entrevista concedida a

¹ Primeiro compositor do Boi caprichoso nas décadas de 30, 40 e 50. Foi amo do Boi Caprichoso por 17 anos, de 1947 a 1964, além de ser o principal compositor nesse período de versos, toadas, e desafios.

² Boulevard é referencia ao limite urbano da cidade de Manaus nas primeiras décadas do Século XX após a Reforma Urbanística promovida por Eduardo Ribeiro, chamado o Hausmann do trópicos e se trata de uma avenida atualmente nomeadas Boulevard Álvaro Maia.

³ Vale lembrar que o atual Estado do Maranhão e do Amazonas integravam o Grão Pará, constituindo reunidos ao atual Pará uma única unidade o que também facilitava as trocas culturais.

⁴ Advogado, político influente em Parintins, amigo da família Cid e compadre de Emídio

⁵ É o conjunto de ritmistas do Boi-Bumbá Caprichoso. É um patrimônio da nação azul e branco que leva este nome desde a chegada do boi Caprichoso em Parintins.

De acordo com sr Raimundo Dutra, a Marujada vem pelo fato dos brincantes de vestirem de marinheiro.

⁶ As fitas K7 eram inicialmente gravadas no fundo dos quintais com as toadas a serem apresentadas pelo Boi, como o repertório é sempre novo, essa foi uma estratégia para garantir que a galera cante e se envolva mais com a apresentação do Boi Bumbá. A estratégia foi efetivamente com vistas a motivar os brincantes e surtiu e surte efeito até hoje, entretanto, as fitas foram substituídas por gravações audiovisuais que incluem as novas coreografias.

⁷ Lamento em Yanomami

⁸ Iniciação da menina Carajá